

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE ESPINHO
N.º 61593
03/07/2012

CLÍNICA RADIOLOGIA
Dr. NELSON DE OLIVEIRA



CHAMADAS GRÁTIS (REDE FIXA)
800 201 606

Maré Viva



Rádios Locais

O que é feito da Costa Verde e da Globo Azul?

Director: Nuno Neves | Ano XXXIV N.º 1566 EUR 0.50

03/03/2009



Funcionários da Jotex surpreendidos com a suspensão da actividade na empresa

Maré de Notícias

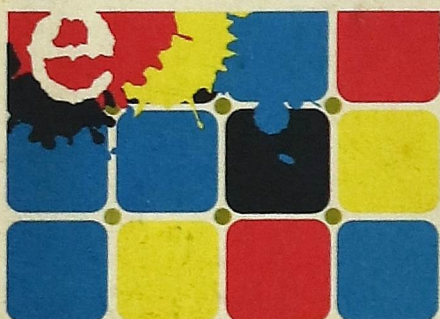
Sócrates pediu maioria absoluta no congresso socialista

Maré de Cultura

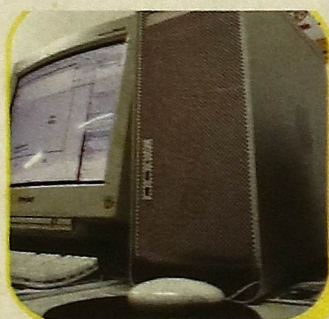
Rodrigo Leão esgotou Auditório em duas noites consecutivas

Maré de Notícias

Seara e Espinho 2 são as primeiras escolas interactivas do país

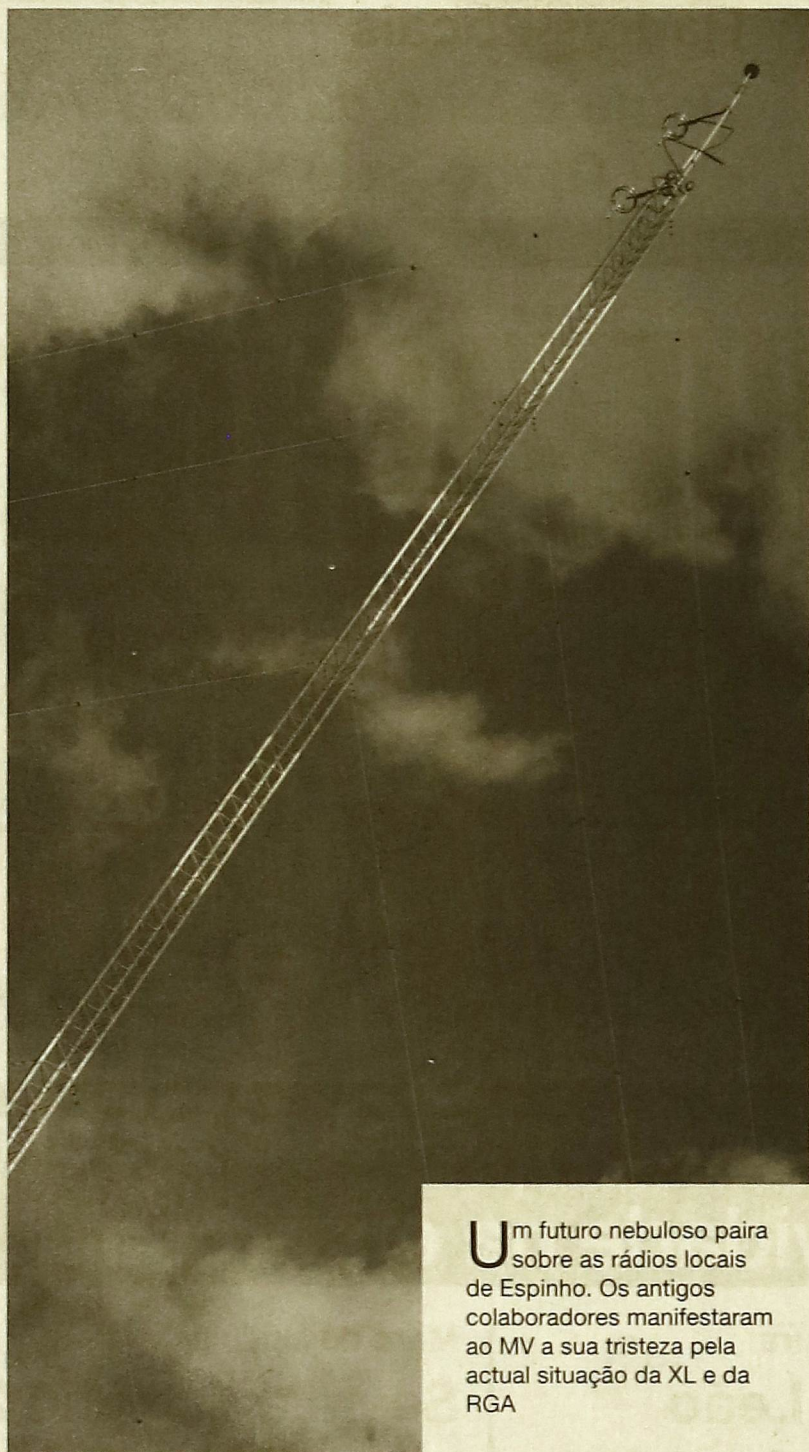


Design Gráfico



indústria gráfica
z. i. de espinho | rua 20, 2344
apt. 1003 | 4500-182 espinho
tef. 22 731 93 74/75 | fax. 22 731 39 46

XL e RGA continuam a emitir mas estão praticamente pa



Um futuro nebuloso paira sobre as rádios locais de Espinho. Os antigos colaboradores manifestaram ao MV a sua tristeza pela actual situação da XL e da RGA

Experimente sintonizar as frequências 88.4 e 92.0 e pouco mais ouvirá do que música pré-gravada e anúncios repetitivos. As rádios Costa Verde (hoje denominada XL) e Globo Azul, que outrora animaram os ouvintes de Espinho, estão praticamente estagnadas e apresentam um futuro incerto. Depois de vários períodos de instabilidade, as duas emissoras viram a sua situação financeira agravar-se nos últimos anos, e hoje estão praticamente arredadas dos ouvintes, embora em diferentes proporções, como o Maré constatou.

No caso da Rádio Costa Verde, a situação alterou-se substancialmente nesta década, depois de uns fulgurantes anos 90, onde chegou a empregar mais de 40 funcionários e tinha autênticos êxitos de audiência, como os discos pedidos, as animações de Verão ou os relatos de futebol. Fundada em Abril de 1989, a Costa Verde alterou o nome para Rádio XL, no início dos anos 2000 com a tentativa de alargar a sua produção ao sector audiovisual. Precisamente no ano 2000 recebeu do Instituto da Comunicação Social cerca de oito mil contos, na moeda antiga, correspondentes ao incentivo do Estado para modernização tecnológica das rádios locais. No entanto, nem essa injeção salvou a rádio do definhamento que se seguiu.

Talvez a maior figura da locução radiofónica em Espinho, Nê Vasco acompanhou a ascensão e a queda da Costa Verde e não esconde a sua frustração pela situação a que foi votada. Em seu entender, o retrocesso começou logo na mu-

A Rádio Costa Verde Chegou a empregar 40 funcionários no auge da sua actividade

dança de nome. "Creio que a rádio se devia modernizar, mantendo o mesmo nome". "O título Costa Verde" sublinha, "já era uma referência para as pessoas". Por outro lado, o facto de "a rádio não se mostrar, não sair do estúdio e vir ter com as pessoas", contribuiu sobremaneira, na opinião do ex-locutor "para um certo afastamento". Enquanto Rádio Costa Verde, a emissora destacou-se precisamente na organização de eventos que projectavam o seu nome dentro e fora do concelho. "Fazíamos poucos eventos, mas os que fazíamos davam nas vistas. A animação nas praias, por exemplo", conta Nê Vasco, "era algo de extraordinário".

Locutores das rádios viam-se obrigados a angariar publicidade para terem ordenado

A vertente económica teve um peso forte nos últimos anos da rádio e, para Nê Vasco, esse facto acabou por ser fundamental para o seu abandono da rádio: "o di-

Relatos de futebol caíram no esquecimento

Um dos programas de maior sucesso nas rádios espinhenses era o incontornável relato da equipa de futebol do Sporting de Espinho. Essa tradição, no entanto, perdeu força nas últimas épocas desportivas até que esta temporada os relatos forma mesmo extintos, coincidindo com o período negro que as emissoras vivem.

Um dos pioneiros no relato desportivo em Espinho foi Arlindo Cabral, hoje director de comunicação do Sp. Espinho e treinador de futebol nas camadas jovens do clube. Para este aficionado do fu-

tebol, os relatos começaram por acaso, numa altura em que pretendia "estar ligado ao desporto de alguma forma". "A convite de algumas pessoas, comecei a fazer relatos no início da rádio e lembro-me que o primeiro foi com o Portimonense e correu pessimamente". No entanto, o bichinho dos relatos foi crescendo e surgiram as Produções Atlântico, em parceria com Gomes Amaro e Abílio Adriano.

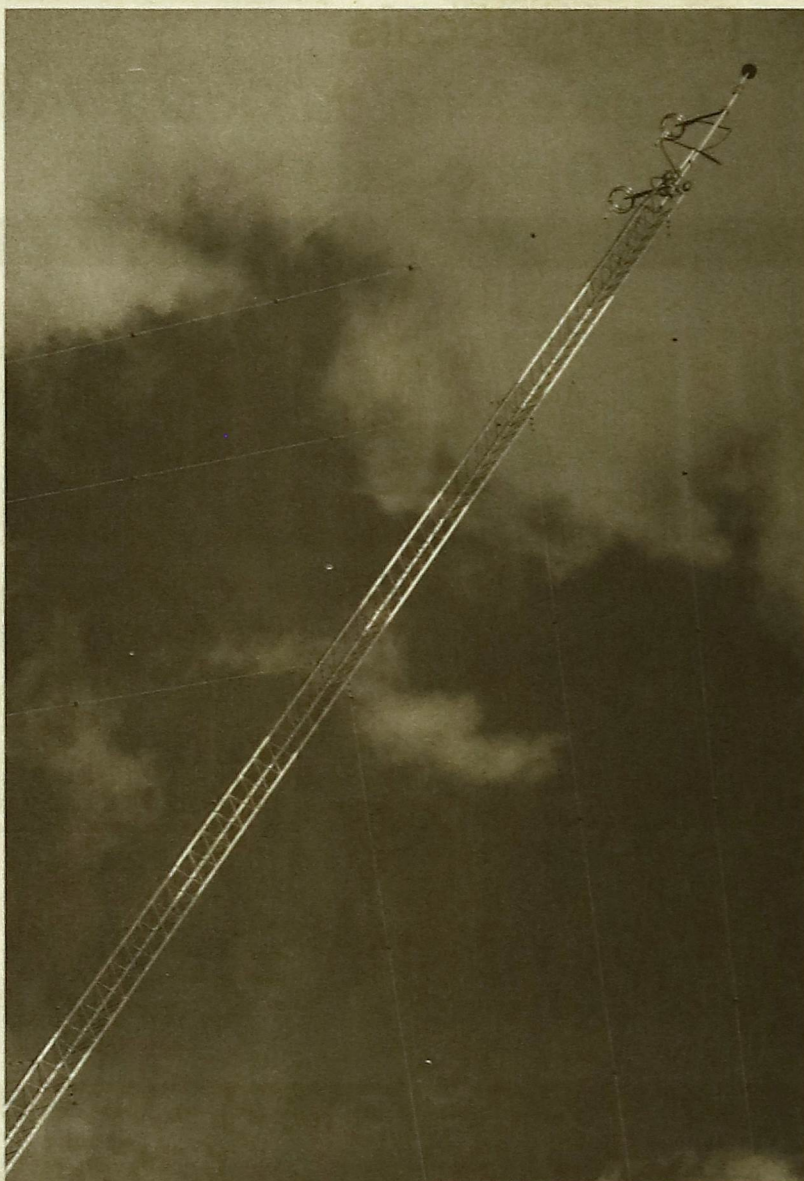
Hoje é com "uma imensa mágoa" que Arlindo Cabral olha para a cabine de imprensa do Comendador Manuel Oliveira Violas e não vê

"Alguns jovens preocuparam-se apenas em ganhar dinheiro rapidamente"

um único relator desportivo de Espinho. Para o ex-relator, esta situação decorre de um certo tipo de comportamentos que começaram a condicionar a viabilidade dos relatos e das rádios. "Uma rádio local deve ser favorável ao clube da terra, sem ser submisso nem omitir aquilo que é a verdade do jogo". As rádios de Espinho, no entanto, iniciaram, na opinião de Arlindo Cabral, "conflitos desnecessários com a direcção do Sp. Espinho e com a própria equipa que describilizaram o seu trabalho".

Nos anos mais recentes, Arlin-

XL e RGA continuam a emitir mas estão praticamente paradas



Um futuro nebuloso paira sobre as rádios locais de Espinho. Os antigos colaboradores manifestaram ao MV a sua tristeza pela actual situação da XL e da RGA

Experimente sintonizar as frequências 88.4 e 92.0 e pouco mais ouvirá do que música pré-gravada e anúncios repetitivos. As rádios Costa Verde (hoje denominada XL) e Globo Azul, que outrora animaram os ouvintes de Espinho, estão praticamente estagnadas e apresentam um futuro incerto. Depois de vários períodos de instabilidade, as duas emissoras viram a sua situação financeira agravar-se nos últimos anos, e hoje estão praticamente arredadas dos ouvintes, embora em diferentes proporções, como o Maré Viva constatou.

No caso da Rádio Costa Verde, a situação alterou-se substancialmente nesta década, depois de uns fulgurantes anos 90, onde chegou a empregar mais de 40 funcionários e tinha autênticos êxitos de audiência, como os discos pedidos, as animações de Verão ou os relatos de futebol. Fundada em Abril de 1989, a Costa Verde alterou o nome para Rádio XL, no início dos anos 2000 com a tentativa de alargar a sua produção ao sector audiovisual. Precisamente no ano 2000 recebeu do Instituto da Comunicação Social cerca de oito mil contos, na moeda antiga, correspondentes ao incentivo do Estado para modernização tecnológica das rádios locais. No entanto, nem essa injeção salvou a rádio do definhamento que se seguiu.

Talvez a maior figura da locução radiofónica em Espinho, Né Vasco acompanhou a ascensão e a queda da Costa Verde e não esconde a sua frustração pela situação a que foi votada. Em seu entender, o retrocesso começou logo na mu-

A Rádio Costa Verde Chegou a empregar 40 funcionários no auge da sua actividade

dança de nome. "Creio que a rádio se devia modernizar, mantendo o mesmo nome". "O título Costa Verde" sublinha, "já era uma referência para as pessoas". Por outro lado, o facto de "a rádio não se mostrar, não sair do estúdio e vir ter com as pessoas", contribuiu sobremaneira, na opinião do ex-locutor "para um certo afastamento". Enquanto Rádio Costa Verde, a emissora destacou-se precisamente na organização de eventos que projectavam o seu nome dentro e fora do concelho. "Fazíamos poucos eventos, mas os que fazíamos davam nas vistas. A animação nas praias, por exemplo", conta Né Vasco, "era algo de extraordinário".

Locutores das rádios viam-se obrigados a angariar publicidade para terem ordenado

A vertente económica teve um peso forte nos últimos anos da rádio e, para Né Vasco, esse facto acabou por ser fundamental para o seu abandono da rádio: "o di-

neheiro que entra das receitas publicitárias não chega para manter os bons profissionais". Segundo o animador, esse facto explica porque é que se "colocam pessoas que entraram para a rádio para fazer um serviço técnico, a fazerem locução". "Saí sobretudo porque o que ganhava não compensava o esforço que tinha com a rádio. Ainda me convidaram para voltar mas teria de ser eu a encontrar um patrocinador para pagar o meu ordenado e mesmo esse pagamento só poderia atingir um determinado valor. Isso, para mim, é inconcebível", conclui.

Sem falsas modéstias, Né Vasco assume-se como um homem da rádio e alguém "que tem um valor que Espinho devia saber aproveitar". "Devo muito à rádio", sublinha, "mas a rádio também me deve muito, porque se houve um período áureo em Espinho, ele deveu-se a pessoas que, como eu, trabalharam para que isso acontecesse". Afastado há um ano e meio da sua profissão de eleição, Né Vasco gostaria de regressar em breve à antenna. "Tive mais de vinte anos da minha vida ligados à rádio e estou à espera de um convite para voltar, porque é isso que me dá prazer", conclui.

A Rádio Globo Azul, embora sem o sucesso da sua concorrente, teve igualmente bons períodos durante a década de 90 mas acabou por regressar até aos dias de hoje, com uma emissão em modo de playlist contínua. A emissora, fundada em 1990, assumiu desde o início uma veia mais irreverente e orientada para as gerações mais



jovens e viveu, em grande parte, de alguns locutores resistentes que iam colocando no ar os seus programas de autor. Um deles foi José Carlos Guimarães, criador do programa "Caminhos Metálicos" e que, até há dois anos atrás, ainda mantinha uma colaboração regular na antenna da RGA. "Chegou uma altura em que só entrava praticamente no estúdio eu e o pessoal do desporto", desabafa o ex-locutor. "A RGA para mim começou em 1990, quando tinha apenas 17 anos. Fiz um pouco de tudo naquela rádio", sublinha. Nos seus últimos tempos de rádio, José Carlos assume que já fazia o seu programa "como um hobby" e não como actividade profissional. "A rádio para mim só não constituiu passatempo durante dois anos quando assumi a gerência".

O progressivo desaparecimento da RGA é justificado pelo seu antigo colaborador como corolário de anos de desentendimento entre os proprietários. "Desde o início que houve problemas entre a administração. Eram quatro sócios, cada um com perspectivas diferentes, e depois de um certo tempo, aqueles que foram resistindo deixaram de investir numa coisa que não lhes trazia proveito". A RGA, no final dos anos 90, também foi forçada a deslocar as suas instalações e a suspender a emissão, o que, para o autor do Caminhos Metálicos, "afastou as pessoas e criou algum desinteresse". Todos os problemas económicos que a rádio foi vivendo ao longo da sua existência, dificultaram a sua afirmação. Para José Carlos Guimarães "é complicado que duas

rádios sejam rentáveis em Espinho". "Numa cidade tão pequena, com tão poucos anunciantes" acrescenta, "a existência de duas emissoras torna-se quase impossível". Enquanto director da RGA, o ex-radialista sentiu essa dificuldade de perto: "no meu tempo era necessária uma grande ginástica mental para tornar a rádio rentável e tínhamos de apresentar coisas novas constantemente".

A situação actual é algo que José Carlos Guimarães desconhece uma vez que, há mais de dois anos, não colabora com a rádio, no entanto, o locutor assume o seu desapontamento por ver assim a RGA. "Causa-me tristeza ver a rádio assim. Foram muitos anos de colaboração e mesmo quando vivi no Porto vinha com a mesma regularidade fazer o meu programa".

Antigos locutores admitem que a rádio faz falta a Espinho

A rádio em Espinho criou raízes profundas ao longo dos seus mais de vinte anos de existência e as referências, embora algo esbatidas, ainda se mantêm. Os locutores que entrevistamos são unânimes em considerar que a cidade precisa de uma rádio forte e interventiva que volte a ser uma referência para a população de Espinho. José Carlos Guimarães considera que a existência de "duas emissoras seria demasiado", mas "uma rádio bem feita seria perfeitamente viável". "Faz falta uma rádio que fale das pessoas, dos seus problemas como acontece em Santa Maria da Feira, não tenho dúvidas disso". Para o ex-colaborador da RGA, o próprio concelho de Espinho tem um bom potencial em termos de audiência: "na altura em que assumi a gerência da rádio os estudos de mercado apontavam as rádios de Espinho como tendo interesse para os ouvintes. A nossa rádio chegou

"Já não estamos em 1989. Houve um período em que a música pimba pegava, mas esse tempo acabou, agora é preciso inovar"

a aparecer em barómetros de uma rádio nacional. Lá para o fim da lista, mas aparecia".

Né Vasco partilha da opinião de que uma rádio em Espinho seria importante para a população: "eu acho que os espinhenses precisam da rádio, as pessoas abordam-me na rua e perguntam o que é feito da Costa Verde". Para o animador, a estagnação das emissoras é reflexo do próprio clima que se vive na cidade: "Espinho está algo cinzento e creio que o ressurgimento da rádio podia ajudar a dar alguma animação". Né Vasco acredita que um bom projecto poderia vingar, embora diferente daquele que vem sendo adoptado há anos a fio. "A rádio devia dar uma volta muito grande para se adaptar aos tempos, porque já não estamos em 1989. Houve um período em que a música pimba pegava, mas esse tempo acabou, agora é preciso inovar", sustenta.

Relatos de futebol caíram no esquecimento

Um dos programas de maior sucesso nas rádios espinhenses era o incontornável relato da equipa de futebol do Sporting de Espinho. Essa tradição, no entanto, perdeu força nas últimas épocas desportivas até que esta temporada os relatos forma mesmo extintos, coincidindo com o período negro que as emissoras vivem.

Um dos pioneiros no relato desportivo em Espinho foi Arlindo Cabral, hoje director de comunicação do Sp. Espinho e treinador de futebol nas camadas jovens do clube. Para este aficionado do fu-

tebol, os relatos começaram por acaso, numa altura em que pretendia "estar ligado ao desporto de alguma forma". "A convite de algumas pessoas, comecei a fazer relatos no início da rádio e lembro-me que o primeiro foi com o Portimonense e correu pessimamente". No entanto, o bichinho dos relatos foi crescendo e surgiram as Produções Atlântico, em parceria com Gomes Amaro e Abílio Adriano.

Hoje é com "uma imensa mágoa" que Arlindo Cabral olha para a cabine de imprensa do Comendador Manuel Oliveira Violas e não vê

"Alguns jovens preocuparam-se apenas em ganhar dinheiro rapidamente"

um único relator desportivo de Espinho. Para o ex-relator, esta situação decorre de um certo tipo de comportamentos que começaram a condicionar a viabilidade dos relatos e das rádios. "Uma rádio local deve ser favorável ao clube da terra, sem ser submisso nem omitir aquilo que é a verdade do jogo". As rádios de Espinho, no entanto, iniciaram, na opinião de Arlindo Cabral, "conflitos desnecessários com a direcção do Sp. Espinho e com a própria equipa que descredibilizaram o seu trabalho".

Nos anos mais recentes, Arlindo

do Cabral viu o seu sobrinho substituí-lo nos relatos desportivos "com grande sucesso" e a prova disso "é a sua situação actual". No entanto, segundo o responsável da comunicação dos tigres, "alguns jovens valores que se foram afirmando em Espinho preocuparam-se apenas em ganhar dinheiro rapidamente com os relatos e não em prestar um bom serviço à rádio e aos ouvintes". Céptico em relação ao futuro, Arlindo Cabral não vislumbra um regresso dos relatos a breve trecho: "não acredito francamente, porque a malta nova pensa que uma rádio local se faz da mesma forma que uma rádio nacional. O pensamento materialista acabou, como eu previa, por terminar com a rádio".

itir aradas

nheiro que entra das receitas publicitárias não chega para manter os bons profissionais". Segundo o animador, esse facto explica porque é que se "colocam pessoas que entraram para a rádio para fazer um serviço técnico, a fazerem locução". "Saí sobretudo porque o que ganhava não compensava o esforço que tinha com a rádio. Ainda me convidaram para voltar mas teria de ser eu a encontrar um patrocinador para pagar o meu ordenado e mesmo esse pagamento só poderia atingir um determinado valor. Isso, para mim, é inconcebível", conclui.

Sem falsas modéstias, Né Vasco assume-se como um homem da rádio e alguém "que tem um valor que Espinho devia saber aproveitar". "Devo muito à rádio", sublinha, "mas a rádio também me deve muito, porque se houve um período áureo em Espinho, ele deveu-se a pessoas que, como eu, trabalharam para que isso acontecesse". Afastado há um ano e meio da sua profissão de eleição, Né Vasco gostaria de regressar em breve à antena. "Tive mais de vinte anos da minha vida ligados à rádio e estou à espera de um convite para voltar, porque é isso que me dá prazer", conclui.

A Rádio Globo Azul, embora sem o sucesso da sua concorrente, teve igualmente bons períodos durante a década de 90 mas acabou por regredir até aos dias de hoje, com uma emissão em modo de playlist contínua. A emissora, fundada em 1990, assumiu desde o início uma veia mais irreverente e orientada para as gerações mais

do Cabral viu o seu sobrinho substituí-lo nos relatos desportivos "com grande sucesso" e a prova disso "é a sua situação actual". No entanto, segundo o responsável da comunicação dos tigres, "alguns jovens valores que se foram afirmando em Espinho preocuparam-se apenas em ganhar dinheiro rapidamente com os relatos e não em prestar um bom serviço à rádio e aos ouvintes". Céptico em relação ao futuro, Arlindo Cabral não vislumbra um regresso dos relatos a breve trecho: "não acredito francamente, porque a malta nova pensa que uma rádio local se faz da mesma forma que uma rádio nacional. O pensamento materialista acabou, como eu previa, por terminar com a rádio".



jovens e viveu, em grande parte, de alguns locutores resistentes que iam colocando no ar os seus programas de autor. Um deles foi José Carlos Guimarães, criador do programa "Caminhos Metálicos" e que, até há dois anos atrás, ainda mantinha uma colaboração regular na antena da RGA. "Chegou uma altura em que só entrava praticamente no estúdio eu e o pessoal do desporto", desabafo o ex-locutor. "A RGA para mim começou em 1990, quando tinha apenas 17 anos. Fiz um pouco de tudo naquela rádio", sublinha. Nos seus últimos tempos de rádio, José Carlos assume que já fazia o seu programa "como um hobby" e não como actividade profissional. "A rádio para mim só não constituiu passatempo durante dois anos quando assumi a gerência".

O progressivo desaparecimento da RGA é justificado pelo seu antigo colaborador como corolário de anos de desentendimento entre os proprietários. "Desde o início que houve problemas entre a administração. Eram quatro sócios, cada um com perspectivas diferentes, e depois de um certo tempo, aqueles que foram resistindo deixaram de investir numa coisa que não lhes trazia proveito". A RGA, no final dos anos 90, também foi forçada a deslocar as suas instalações e a suspender a emissão, o que, para o autor do Caminhos Metálicos, "afastou as pessoas e criou algum desinteresse". Todos os problemas económicos que a rádio foi vivendo ao longo da sua existência, dificultaram a sua afirmação. Para José Carlos Guimarães "é complicado que duas

rádios sejam rentáveis em Espinho". "Numa cidade tão pequena, com tão poucos anunciantes" acrescenta, "a existência de duas emissoras torna-se quase impossível". Enquanto director da RGA, o ex-radialista sentiu essa dificuldade de perto: "no meu tempo era necessária uma grande ginástica mental para tornar a rádio rentável e tínhamos de apresentar coisas novas constantemente".

A situação actual é algo que José Carlos Guimarães desconhece uma vez que, há mais de dois anos, não colabora com a rádio, no entanto, o locutor assume o seu desapontamento por ver assim a RGA. "Causa-me tristeza ver a rádio assim. Foram muitos anos de colaboração e mesmo quando vivi no Porto vinha com a mesma regularidade fazer o meu programa".

Antigos locutores admitem que a rádio faz falta a Espinho

A rádio em Espinho criou raízes profundas ao longo dos seus mais de vinte anos de existência e as referências, embora algo esbatidas, ainda se mantêm. Os locutores que entrevistamos são unânimes em considerar que a cidade precisa de uma rádio forte e interventiva que volte a ser uma referência para a população de Espinho. José Carlos Guimarães considera que a existência de "duas emissoras seria demasiado", mas "uma rádio bem feita seria perfeitamente viável". "Faz falta uma rádio que fale das pessoas, dos seus problemas como acontece em Santa Maria da Feira, não tenho dúvidas disso". Para o ex-colaborador da RGA, o próprio concelho de Espinho tem um bom potencial em termos de audiência: "na altura em que assumi a gerência da rádio os estudos de mercado apontavam as rádios de Espinho como tendo interesse para os ouvintes. A nossa rádio chegou

"Já não estamos em 1989. Houve um período em que a música pimba pegava, mas esse tempo acabou, agora é preciso inovar"

a aparecer em barómetros de uma rádio nacional. Lá para o fim da lista, mas aparecia".

Né Vasco partilha da opinião de que uma rádio em Espinho seria importante para a população: "eu acho que os espinhenses precisam da rádio, as pessoas abordam-me na rua e perguntam o que é feito da Costa Verde". Para o animador, a estagnação das emissoras é reflexo do próprio clima que se vive na cidade: "Espinho está algo cinzento e creio que o ressurgimento da rádio podia ajudar a dar alguma animação". Né Vasco acredita que um bom projecto poderia vingar, embora diferente daquele que vem sendo adoptado há anos a fio. "A rádio devia dar uma volta muito grande para se adaptar aos tempos, porque já não estamos em 1989. Houve um período em que a música pimba pegava, mas esse tempo acabou, agora é preciso inovar", sustenta.



Espinho foi capital política por três dias

Durante três dias, Espinho foi um dos nomes mais repetidos nos meios de comunicação social nacionais. O Congresso do PS concentrou todas as atenções mediáticas e políticas na nossa cidade, mobilizou meios humanos e técnicos pouco habituais em Espinho e teve efeitos estimulantes na economia local, sobretudo na restauração e na hotelaria.

Durante a sessão de abertura na passada sexta-feira, o Maré Viva pode comprovar a azáfama e a expectativa com que os militantes socialistas aguardavam o discurso inaugural de José Sócrates. Na porta de entrada viram-se ilustres personagens da vida política e social portuguesa a serem entrevistados em directo para as televisões. Às 20 horas em ponto o secretário-geral do PS abriu as hostilidades, com um discurso de dentro para fora do

partido, reclamando uma nova maioria absoluta em nome da sua "responsabilidade política". "Não temo o julgamento democrático. Quero submeter ao julgamento dos portugueses o trabalho do governo". No final da sessão de abertura, Sócrates endureceu o discurso, voltando a repudiar a "campanha negra" de que foi alvo.

Os trabalhos acabaram por ficar tristemente marcados por um apagão da Nave Polivalente que fez com que as votações fossem adiadas

O segundo dia do congresso trouxe como grandes novidades a confirmação da ausência de Manuel Alegre e a apresentação de Vital Moreira como cabeça de lista do PS às eleições eu-



Agradecimento especial

Foi possível ler nos cartazes o agradecimento da organização do Congresso à cidade de Espinho. O inverso também se poderia colocar, dadas as evidentes mais valias que o evento gerou em Espinho. A hotelaria e a restauração foram alguns dos serviços que mais ganharam com o congresso.

ropeias. Vital Moreira, ex-militante do PCP assumiu-se como "um socialista free-lance", no seu discurso de agradecimento. Os trabalhos acabaram por ficar tristemente marcados por um apagão da Nave Polivalente que fez com que as votações que decorriam durante a noite de sábado fossem adiadas para a manhã de domingo.

No último dia, o discurso de encerramento de José Sócrates voltou a marcar a agenda

de forma incontornável. Sob o lema "Vencer 2009", o primeiro-ministro lançou, de forma informal, a campanha eleitoral das legislativas e das autárquicas e forçou a nota em relação a uma nova maioria absoluta, em nome da "estabilidade e da governabilidade". "O que o país não precisa", acrescentou, "é de somar a crise política à crise económica e social". Sócrates e os congressistas despediram-se de Espinho em apoteose.

Espinho recorda os seus visionários

O que tinham em comum Joaquim Pinto Coelho, Manuel Laranjeira e José Salvador? Além de terem desempenhado o cargo de presidentes da Câmara Municipal, foram três homens visionários no seu trabalho. Foi esta a grande certeza da conferência "3 Presidentes, 3 Visionários", levada a cabo pela secção de Serviço Educativo do Arquivo Municipal. A iniciativa teve lugar na passada quinta-feira, no Centro Multiméios, e contou com dezenas de participantes.

António Teixeira Lopes falou de Joaquim Pinto Coelho, o responsável pela construção do Mercado Municipal, pelo grande investimento na Escola e na instrução, pela mudança da toponímia das ruas para números, por, há época, Espinho ser um microcosmos ao nível

do melhor que se fazia no mundo. "Que a sua vida nos sirva de exemplo", disse o professor da Universidade Sénior.

Manuel Laranjeira foi, pelas palavras de Armando Bouçon, um personalidade multifacetada, de brava independência de carácter, rebeldia, coragem, cultura, inteligência e sensibilidade intelectual. Na conferência, destacou-se a sua intervenção como crítico social no mundo da política, a divisão entre os pobres de Espinho e os pobres de fora com licença para mendigar e o exercício da medicina e a sua relação com a prostituição. Um homem que "pugnou pela ânsia de verdade, de expressão livre, repudiando a subalternidade e o servilismo".

Por último, Beatriz Matos Fernandes mostrou aos presentes como o trabalho de José

Salvador consegue ser, anos depois, tão actual. O presidente revelava o desejo de mudança da linha férrea para que, no seu lugar, se pudesse fazer uma grande avenida; afirmava a urgência de reorganização dos serviços de saúde; informava sobre a crise de habitação em Espinho e propunha que uma parte do rendimento do imposto *ad-valorem* fosse destinada a um empréstimo para a construção de casas baratas; percebe que a Câmara devia elaborar medidas que protegessem os consumidores por altura da crise nos anos 20; considerava deficientes as condições dos edifícios para receber os turistas no Verão e preocupava-se com a paralisação das obras de defesa da praia. Temas correntes que fizeram, ironicamente, rir os presentes.



Lay-off põe em risco 60 postos de trabalho

A Jotex encerrou portas na passada sexta-feira e só voltará a laborar em meados do mês de Março. A administração comunicou aos funcionários que se tratava de um período de paragem destinada à reestruturação da empresa. No entanto, os trabalhadores foram surpreendidos na manhã de sábado por um arresto de 21 máquinas e concentraram-se em frente às instalações para impedirem a saída do equipamento. Os cerca de 60 funcionários da Jotex, na sua maioria com mais de 20 e 30 anos de serviço, temem pelo seu futuro e dão quase como garantida a perda do posto de trabalho.

“Colocaram uma placa às 17h20 (de sexta-feira) a dar-nos conta de uma paragem de quinze dias para reestruturação”, contou-nos

uma das funcionárias da empresa.

Até dia 13 Março, o vencimento dos trabalhadores está assegurado. O futuro é uma incógnita

Surpreendidos com a informação prestada pela administração, um grupo de funcionários questionou as razões que conduziram ao lay-off e quais as garantias salariais que iam ser salvaguardadas. Arminda Neves, a representante, teve, na altura, a garantia de que “a paragem duraria até dia 16 de Março e que três máquinas iriam ser retiradas para manutenção”. No entanto, o cenário com que se deparou no sábado era perfeitamente distinto: “ao todo contamos 21 máquinas que foram carregadas

pelos camiões e não tivemos justificações por parte da administração”. As máquinas, ao que tudo indica, estariam a ser objecto de uma acção de penhora movida pela Segurança Social, a credora de 90% das dívidas da empresa.

A situação actual da Jotex surpreende ainda mas os funcionários uma vez que a fábrica vinha produzindo com regularidade e até tinha excesso de encomendas. “Há vários meses que vínhamos fazendo horas extra e até nos incentivavam a produzir cada vez mais. Além disso, nunca tivemos salários em atraso”, assegurou Arminda Neves. Já este fim-de-semana, a representante dos trabalhadores da Jotex teve a garantia de que os salários até ao próximo dia 13 seriam integralmente assegurados pela administração.

Informação ao final do dia

Os trabalhadores foram informados a meia hora do término do seu dia de trabalho de sexta-feira de que a empresa iria encerrar entre 1 e 16 de Março. A administração justificou que se tratava de uma paragem para reestruturação, mas durante a noite houve uma tentativa de retirada do equipamento de produção

Desde 1975

A J. Tavares e Irmão - Jotex - nasceu há 44 anos e opera no sector têxtil das malhas. Pioneira no recurso à tecnologia para produção industrial, a empresa nunca enfrentou períodos conturbados e manteve os empregos e os salários dos seus trabalhadores de uma forma regular.

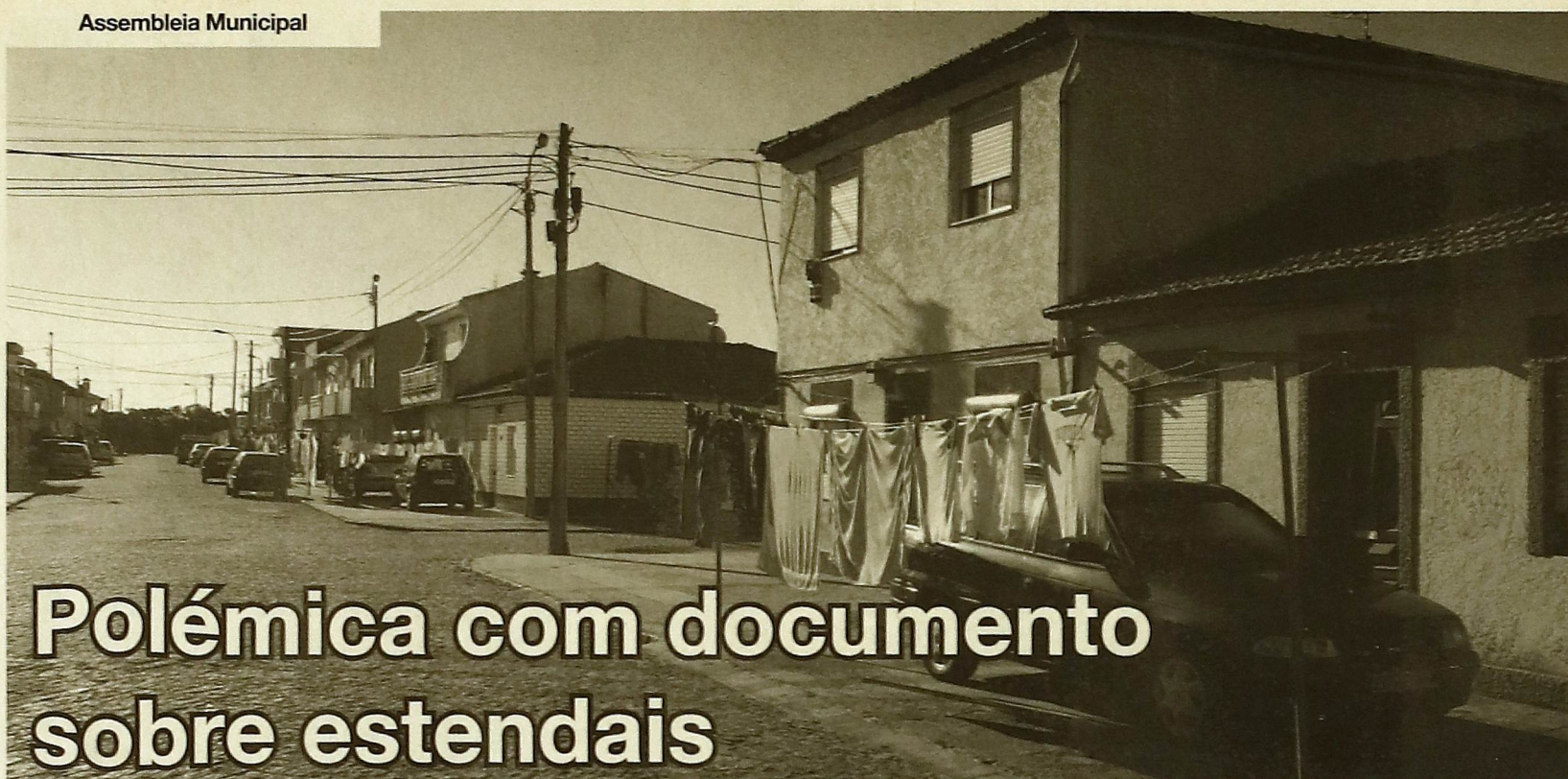
Mais de 30 anos de casa

Muitos dos funcionários da Jotex têm mais de trinta e alguns casos 40 anos de trabalho na empresa. Em cerca de 60 de trabalhadores

existe um casal e há várias pessoas cujo cônjuge também está em situação laboral precária. O futuro é incerto para a maioria.

M V Anuncie no seu jornal local de preferência

Compre Café na
CASA ALVES RIBEIRO
Rua 19 n.º 294 - Espinho
fica bem servido e gasta menos dinheiro
www.alvesribeiro.espinho.inn



Polémica com documento sobre estendais

A primeira reunião de 2009 da Assembleia Municipal (AM) ficou marcada por uma discussão acesa sobre um documento do PSD, referente aos estendais do Bairro Piscatório. O documento foi entregue pela bancada social-democrata para ser discutido no período antes da ordem do dia. No entanto, os vogais das restantes forças políticas questionaram a legalidade do documento e a sua inserção naquele período.

De interpelação em interpelação, os vogais foram confrontando argumentos, uns a favor e outros contra a discussão do documento, no período em que o PSD pretendia. José Luis Peralta, do PS, falou num "coelho tirado da cartola", pelo facto dos vogais laranjas quererem votar um recomendação à Câmara Municipal que não foi apresentada no prazo legal - de cinco dias úteis. O vogal referiu-se ainda a uma outra contradição: "há uma clara diferença entre uma apreciação e uma votação de um documento". Do lado social-democrata, Ricardo Sousa falou em "incoerência" por parte da AM, atendendo a que já outros documentos discutidos no período antes da ordem do dia haviam sido submetidos a votação. A discussão prolongou-se durante uma hora e vinte minutos e a votação do documento

acabou por ser rejeitada, com os votos contra do PS, de um vogal da CDU e da mesa.

Discussão sobre o documento dos estendais no Bairro Piscatório durou hora e meia e a sua votação acabou por ser rejeitada

As reacções à reprovação da discussão do documento no PSD foram contundentes. João Passos falou em "demissão" por parte da AM, naquela é "a sua principal função: fiscalizar a acção da Câmara". Em declarações ao Maré Viva, Vicente Pinto afirmou tratar-se de "um boicote claro à discussão política de assuntos que dizem respeito à população". "Estes documentos são precisamente aqueles que se enquadram no espírito da discussão antes da ordem do dia", acrescentou.

A AM associou-se ao Dia Internacional da Mulher (DIM), que se comemora no próximo domingo, dia 8. Alexandre Silva, da CDU, apresentou um voto de saudação ao DIM, recordando a luta pela emancipação feminina e discriminação laboral de que ainda hoje as mulheres são vítimas. A presidente da AM, Graça Guedes apelou também à igualdade de género, num documento

Excertos

"O PSD veio para aqui sacar um coelho da cartola".

José Luis Peralta, PS, comentando o documento apresentado pelo PSD

"A AM demitiu-se da sua principal função, a de fiscalizar a acção da Câmara Municipal"

João Passos, PSD, sobre a rejeição dos vogais à votação do documento

"O trabalho ainda hoje não é remunerado de forma equitativa. A paridade ainda não chegou ao local de emprego"

António Regedor, BE, sobre a discriminação laboral de que as mulheres são alvo

"O CDS-PP é o único partido que, na prática, concretiza a lei da paridade nesta Assembleia. Exigimos mais acções e menos palavras nesta matéria"

Ângela Couto, CDS-PP, comentando a aplicação da lei da paridade na AM

"Este ponto tem uma clara conotação partidária, como tal, caso não seja alterado, votarei contra"

Ricardo Sousa, PSD, relativamente ao ponto em que o PCP convida a autarquia a participar numa iniciativa sua de celebração do centenário de Soeiro Pereira Gomes.

"Meus caros, não tenham medo do PCP, que lá não existe nenhum vírus, nem sairão de lá infectados"

Jorge Carvalho, CDU, reagindo à proposta de omissão do PCP na homenagem a Soeiro Pereira Gomes

"A Câmara Municipal de Espinho tem um gabinete cultural, e por isso causa-me alguma perplexidade que não tenham promovido nenhuma iniciativa neste âmbito"

Alexandre Silva, CDU, sobre o facto de a CME não celebrar o centenário do escritor

apresentado por si própria. Ambos os votos de saudação foram aprovados por unanimidade.

O pacifismo em relação ao Dia Internacional da Mulher deu rapidamente lugar a nova discussão. Uma recomendação da CDU, aparentemente pacífica, dirigida à Câmara e tendo como tema as comemorações do centenário do nascimento de Soeiro Pereira Gomes, acabou por gerar

discórdia entre os vogais. Tudo porque havia uma referência ao Partido Comunista Português, no primeiro ponto do documento, onde se recomendava a associação da Câmara Municipal à iniciativa desenvolvida pelo partido em comemorar o centenário do escritor. O documento acabou por ser revisto, retirando-se a referência partidária e acabou por ser aprovado na totalidade.

GABIJÓIAS

OURIVESARIA * JOALHARIA * RELOJOARIA
REPRESENTANTE DAS MELHORES MARCAS
DE PRATAS ITALTANAS

RUA 62 Nº 52 - 4500-363 ESPINHO -TELEF. 22 732 8101

RESTAURANTE MARRETA

de Pedro Silva Lopes

Caldeirada e Cataplãs de Peixe
Cataplãs de Tamboril
Açorda e Arroz de Marisco

ACEITAM-SE ENCOMENDAS PARA FORA

Rua 2 N.º 1355/1361 * Tel. 227340091
4500 ESPINHO * PORTUGAL

Milton Pinho
Glória Rodrigues

- SOLICITADORES -
Gabinete de Contabilidade

Rua 28 n.º 583 - R/C
Telef. 227340584 - ESPINHO

JUSTINO GODINHO

LABORATÓRIO
DE PRÓTESE DENTÁRIA

Rua 25 n.º 253 - Tel. 227340475
4500 ESPINHO

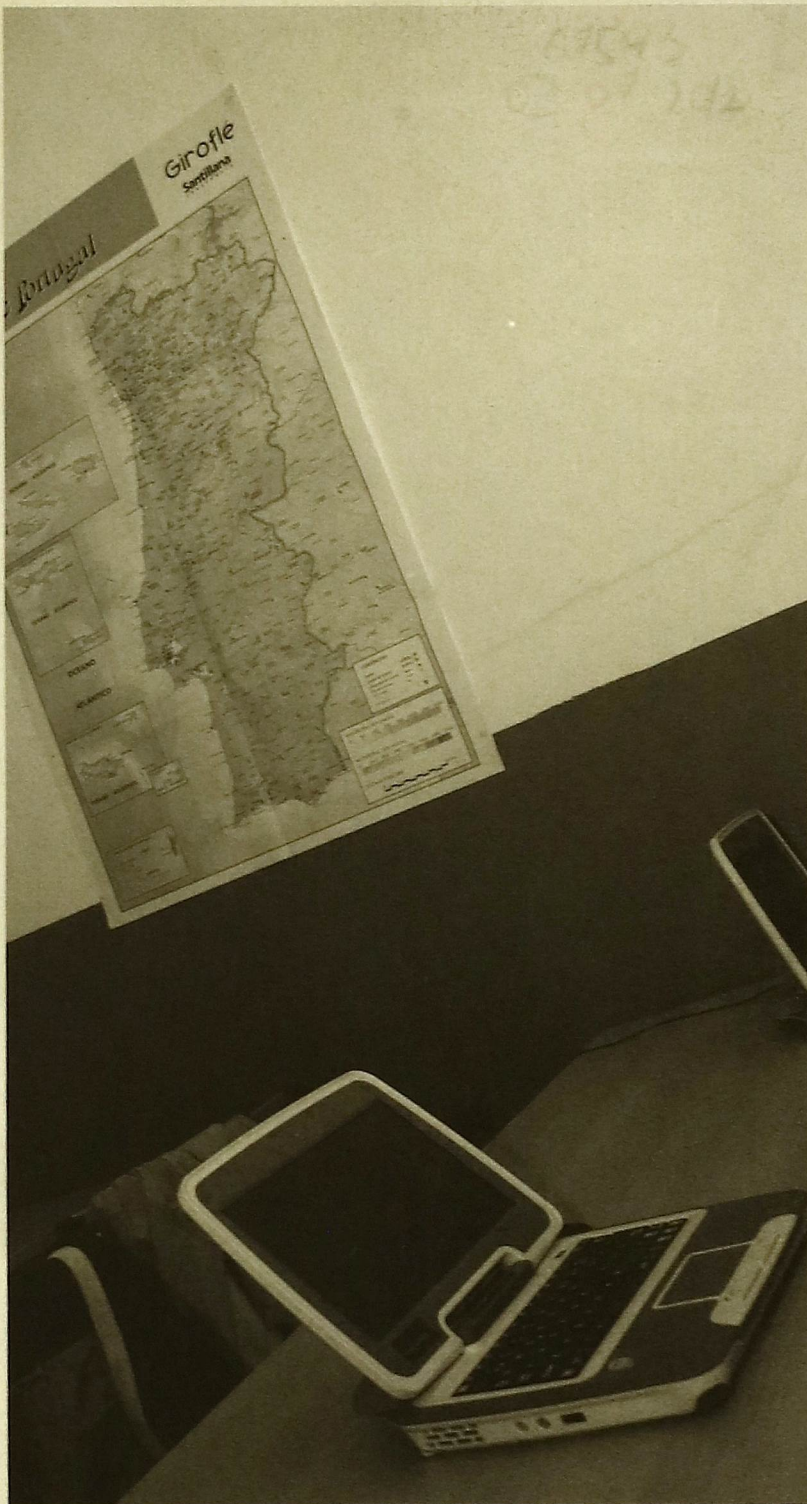
Espinho traz Camões interactivo às escolas

A partir de agora as escolas nacionais vão deixar de lado o quadro preto e o giz para passar a utilizar a Plataforma Camões. Trata-se de uma tecnologia composta por um quadro electrónico, ao qual se conecta o computador Magalhães, e que permite ligar em rede os alunos e os professores dentro e fora da sala de aula. E Espinho é a primeira cidade a implementar este sistema, em duas escolas: a Espinho 2 e a Escola da Seara, em Silvalde.

As primeiras aulas com este projecto tiveram lugar ontem e contaram com a visita, entre outros, da ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues. Inte-

ractividade é a base da plataforma, que permite fazer todos os trabalhos normais de uma sala de aula através do computador, mas também possibilita o ensino à distância, aquando da falta de um aluno ou até do professor. Todos os agentes educativos ficam, agora, ligados em rede.

A Plataforma Camões foi desenvolvida e patenteada a nível mundial pela Microfil. O presidente, Manuel Antunes, tem o objectivo de levar a tecnologia além fronteiras: primeiro para os países onde existem comunidades portuguesas, de forma a potencializar aulas inter-escolas, e depois para mercados como o Irão ou a Arábia Saudita.



FACE é a casa da Microfil

Se dúvidas havia relativamente ao uso das instalações da antiga fábrica Brandão Gomes, pelo menos uma certeza há agora. A empresa que desenvolveu a Plataforma Camões vai ter delegação em Espinho e vai ser mesmo no FACE. Ao MV, o presidente da Microfil garantiu que se estabelecerão nas instalações "seis ou oito semanas" depois da conclusão dos trabalhos nas infra-estruturas tecnológicas necessárias, nomeadamente na área da comunicação. Manuel Antunes adianta que a Microfil deverá ocupar grande

parte da ala Norte/Poente do FACE e revela, ainda que, a escolha pela cidade de Espinho está relacionada exactamente com questões de logística, "num contexto em que as empresas tecnológicas são bastantes solicitadas pela generalidade dos municípios, afirma o presidente da empresa. E conclui dizendo que "a localização na antiga fábrica foi sugerida pelo presidente da Câmara de Espinho". A prova de que o FACE, afinal, está em trabalhos.

Faleceu Sérgio Alves Moreira

Sérgio Alves Moreira era formado em Filosofia e as divergências políticas com o Governo de Salazar fizeram-no emigrar para a Venezuela. Do outro lado do Atlântico, encetou várias acções anti salazaristas, integrou a Junta Patriótica no exílio e, juntamente com Humberto Delgado e o Capitão Galvão, esteve na organização do assalto ao barco Santa Maria nos anos 60. A revolução de Abril de 74 fê-lo voltar a Portugal, mas a estadia durou pouco tempo. De regresso a Caracas,

Sérgio Alves Moreira levou a vida como livreiro reconhecido, com alguns livros de poesia publicados. Foi ainda dirigente do Instituto Português de Cultura. Nascido em Rio Meão, casou com Madília Dias, filha de Benjamim Dias, fundador e proprietário do jornal Defesa de Espinho.

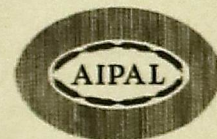
Sérgio faleceu na capital venezuelana no passado dia 24 de Fevereiro e foi enterrado no cemitério da cidade, Del Este La Guarita.

Jantar de Aniversário do PCP em Espinho

O Partido Comunista Português está a comemorar 88 anos de existência. A comissão de Espinho associa-se às celebrações e, para isso, vai realizar um jantar de convívio. A iniciativa terá lugar esta sexta-feira, dia 6 de Março e o local escolhido foi o Restaurante Cristal, na Rua 8. Um dos principais convidados do jantar do PCP é Alexandre Araújo, membro do Secretariado do Comité

Central do partido. O Partido Comunista informa que, quem pretender fazer parte das comemorações deste 88º aniversário, poderá fazer a inscrição no Comité dos Trabalhadores do PCP de Espinho, ou através do telefone 227 340 124.

M **V** **Anuncie no seu jornal local de preferência**



O BOM PÃO SEMPRE À MÃO



- Rua 19, N.º 241
- Rua 23, N.º 55
- Rua 26, N.º 968
- Rua 39, N.º 261
- Rua 6, N.º 1515
- Rua 16, N.º 312
- Rua 18, N.º 786
- Rua 18, N.º 1027
- Souto, Anta



Pela curva a direita do Passeio Alegre

Todos a conhecem como “a única rua torta de Espinho”, mas poucos saberão o porquê do salto no que diz respeito ao número na tabuleta. Descanse que a cidade nunca teve as ruas nos quarentas e cinqentas. 62 vem de há já muitos anos quando se apresentava como a única estrada para a cidade do Porto. Era, na altura, a Estrada Distrital n.º 62 e os poucos carros que havia passavam todos por ela acima em direcção a norte. Em 1912, a parte que atravessava Espinho, foi entregue à cidade.

Tinha nome poético – Rua do Passeio Alegre – mas nunca foi rua de grandes movimentos. Padarias, uma ou outra fábrica, poucos cafés e uma farmácia. Já ninguém se lembra da distribuição de pão pelos pobres na inauguração de uma padaria em 1907 ou da fábrica de brinquedos FABEL, em 1943.

Mesmo assim, a rua tem memórias que ganham vida quando partilhadas. Mário Valente mudou-se para a casa que faz esquina com a Rua 16, corria o ano de 1932. Tinha 15 anos e conta-nos que foi viver para a casa que era dos tios. Em baixo, tinham uma mercearia onde Mário preferiu trabalhar em detrimento de outra na Rua 19 onde “estávamos abertos até muito tarde”. ‘Pérola da China’ era o nome do estabelecimento que passou a partilhar, até Abril de 74, com a esposa, Rosa Valente. “Esta casa estava em bom sítio, tinha muitos fregueses”, recordam. Vendiam muito chá a peso e Mário gosta de avivar o tempo que passou a dis-

tribuir a mercadoria de porta em porta.

Do Passeio Alegre desses tempos, lembram, na essência, os terrenos livres, as quintas e as poucas mas grandes casas construídas. “Era tudo campos de milho e pedreiras por aqui fora e da Avenida 24 para cima era um deserto enorme”, diz Mário Valente. Contam os arquivos que, em 1933, esta era das poucas ruas da cidade que já estavam calcetadas a paralelepípedos.

Na “casa azul que vende cintos” erguia-se, antes, um armazém de farinhas, “do

Apesar do nome poético - Passeio Alegre - a rua era um deserto de terrenos

Baptista e Oliveira”. Mário e Rosa conhecem quase todos os que passaram pelo antigo Passeio Alegre: “onde agora está o Restaurante Chinês, havia também uma quinta que era dos Amorins, da fábrica das massas Milaneza”. De ambos os lados da curva da Rua 62, onde agora se erguem dois prédios, a paisagem eram quintas “a perder de vista”. Hoje, multiplicam-se as edificações. Cada vez mais, cada vez mais altas.

Além das festas de S. João, o casal –

ele com 92 anos e ela com 87 – referem a Batalha das Flores, os grandes banquetes nas quintas e as procissões “que saíam da (casa) Vila Maria”. No comércio, Mário Valente diz que conheceu, num dos prédios construídos mais recentemente na Rua 62, “uma mercearia, depois os vassoueiros que eram brasileiros, uma drogaria e ainda o Ventura com uma pensão”. Não lhe escapa nada.

Em 1954, surge o Café Cristal. Até então, Mário lembra-se de não haver cafés. Distraía-se com o futebol, no terreno ao lado da garagem de automóveis. Era espectador assíduo dos jogos da Casa de Futebol do Império de Anta porque “era pertinho”. “Ia-se para todo o lado a pé. Agora tem que se dar a volta aos cruzamentos, antigamente era tudo a direito”, desabafa.

Sobre as bombas de gasolina que se estabeleceram na Rua 62 (uma edificada em 1927 e outra em 1929) e entretanto se extinguíram, Mário Valente já considera assunto “muito recente”, mas não esconde que traziam algum movimento de carros à rua. Nada que se compare com os tempos actuais. “Agora é que eu devia ter a mercearia”, diz-nos Rosa Valente, “é tudo muito mais movimentado agora”. E não se queixam. Gostam da rua onde moram, com todas as obras que já foram feitas e refeitas.

É também na Rua 62 que fica sedeada a Cooperativa Nascente. Mário e Rosa respondem em uníssono: “era a Legião Portuguesa”. “Não me agradava muito isso da



Pela curva a direito do Passeio Alegre

Todos a conhecem como “a única rua torta de Espinho”, mas poucos saberão o porquê do salto no que diz respeito ao número na tabuleta. Descanse que a cidade nunca teve as ruas nos quarentas e cinquenta. 62 vem de há já muitos anos quando se apresentava como a única estrada para a cidade do Porto. Era, na altura, a Estrada Distrital n.º 62 e os poucos carros que havia passavam todos por ela acima em direcção a norte. Em 1912, a parte que atravessava Espinho, foi entregue à cidade.

Tinha nome poético – Rua do Passeio Alegre – mas nunca foi rua de grandes movimentos. Padarias, uma ou outra fábrica, poucos cafés e uma farmácia. Já ninguém se lembra da distribuição de pão pelos pobres na inauguração de uma padaria em 1907 ou da fábrica de brinquedos FABEL, em 1943.

Mesmo assim, a rua tem memórias que ganham vida quando partilhadas. Mário Valente mudou-se para a casa que faz esquina com a Rua 16, corria o ano de 1932. Tinha 15 anos e conta-nos que foi viver para a casa que era dos tios. Em baixo, tinham uma mercearia onde Mário preferiu trabalhar em detrimento de outra na Rua 19 onde “estávamos abertos até muito tarde”. ‘Pérola da China’ era o nome do estabelecimento que passou a partilhar, até Abril de 74, com a esposa, Rosa Valente. “Esta casa estava em bom sítio, tinha muitos fregueses”, recordam. Vendiam muito chá a peso e Mário gosta de avivar o tempo que passou a dis-

tribuir a mercadoria de porta em porta.

Do Passeio Alegre desses tempos, lembram, na essência, os terrenos livres, as quintas e as poucas mas grandes casas construídas. “Era tudo campos de milho e pedreiras por aqui fora e da Avenida 24 para cima era um deserto enorme”, diz Mário Valente. Contam os arquivos que, em 1933, esta era das poucas ruas da cidade que já estavam calçadas a paralelepípedos.

Na “casa azul que vende cintos” erguia-se, antes, um armazém de farinhas, “do

Apesar do nome poético - Passeio Alegre - a rua era um deserto de terrenos

Baptista e Oliveira”. Mário e Rosa conhecem quase todos os que passaram pelo antigo Passeio Alegre: “onde agora está o Restaurante Chinês, havia também uma quinta que era dos Amorins, da fábrica das massas Milaneza”. De ambos os lados da curva da Rua 62, onde agora se erguem dois prédios, a paisagem eram quintas “a perder de vista”. Hoje, multiplicam-se as edificações. Cada vez mais, cada vez mais altas.

Além das festas de S. João, o casal –

ele com 92 anos e ela com 87 – referem a Batalha das Flores, os grandes banquetes nas quintas e as procissões “que saíam da (casa) Vila Maria”. No comércio, Mário Valente diz que conheceu, num dos prédios construídos mais recentemente na Rua 62, “uma mercearia, depois os vassoureiros que eram brasileiros, uma droguaria e ainda o Ventura com uma pensão”. Não lhe escapa nada.

Em 1954, surge o Café Cristal. Até então, Mário lembra-se de não haver cafés. Distraía-se com o futebol, no terreno ao lado da garagem de automóveis. Era espectador assíduo dos jogos da Casa de Futebol do Império de Anta porque “era pertinho”. “la-se para todo o lado a pé. Agora tem que se dar a volta aos cruzamentos, antigamente era tudo a direito”, desabafa.

Sobre as bombas de gasolina que se estabeleceram na Rua 62 (uma edificada em 1927 e outra em 1929) e entretanto se extinguíram, Mário Valente já considera assunto “muito recente”, mas não esconde que traziam algum movimento de carros à rua. Nada que se compare com os tempos actuais. “Agora é que eu devia ter a mercearia”, diz-nos Rosa Valente, “é tudo muito mais movimentado agora”. E não se queixam. Gostam da rua onde moram, com todas as obras que já foram feitas e refeitas.

É também na Rua 62 que fica sedeada a Cooperativa Nascente. Mário e Rosa respondem em uníssono: “era a Legião Portuguesa”. “Não me agradava muito isso da

A rua 62 foi das primeiras a ser calçada a paralelepípedo

Legião”, revela Mário, “nunca respondia às cartas que me enviavam”. Essa é das poucas casas que já existiam quando o casal se mudou para a Rua do Passeio Alegre. “Era essa e outra ao lado, que era uma padaria e onde ainda existe um forno, mas está tudo a cair”, diz Rosa Valente.

A casa dos Valente foi construída em 1910. A porta da mercearia que possuíam (agora transformada em Sala de Estudo pela nora do casal) apresentava o número 491. “Metros da praia”, apressa-se Mário a explicar. E continua: “mas mais tarde veio o Largo da Graciosa e começaram a contar daí. Ficou o 267”.

A Rua 62 é, possivelmente, das ruas em Espinho que mais fiel se manteve. Mais não seja pela conservação de muitas das casas mais antigas. A elas se têm juntado construções de modernidade. Sejam prédios, seja na variedade de oferta no comércio. Apesar de tudo, continuará a ser sempre “a rua torta de Espinho”. E é isso que a torna única.

Desviada por conveniência



Se Espinho se caracteriza pelo traçado das ruas, onde o mar serve de orientador geométrico, o facilitismo deixa-nos dizer que são todas paralelas e perpendiculares a este ponto de referência. Falácias. A verdade é que a Rua 62 foge a todas as descrições da cidade. É torta, como dizem. Tem início no Largo da Graciosa e encontra o término depois da Avenida 24. O número par que a caracteriza é só uma coincidência, como já se viu. Seria difícil optar

por considerá-la par ou ímpar. Explicação para a curva da Rua 62 haverá muitas e Mário Valente deu-nos uma: “fazer o jeitinho ao conselheiro”, que tinha uma quinta ao funda da rua. “Era suposto ser direita como todas as outras mas como havia ali o senhor fulano tal, que era conselheiro da câmara, quiseram respeitá-lo e a rua foi feita desta forma”, avança Mário Valente que não tem dúvidas de que, “se fosse hoje não respeitavam ninguém”.

NOVAS AGÊNCIAS
CADA VEZ MAIS PERTO

AGÊNCIA ESPINHO
Rua 20, n.º 782
Tel. 227 311 200

COMPRAMOS OURO A DINHEIRO
TAMBÉM COMPRAMOS PRATAS, JOIAS, RELOGIOS, CALTELAS DE PENHOR E OUTROS VALORES

Valores

1º Franchising
Nós reciclamos!
800 256 737

www.valores.pt

CLÍNICA RADIOLOGIA
Dr. NELSON DE OLIVEIRA

RADIOLOGIA Digital - RADIOLOGIA DENTÁRIA Digital
ECODGRAFIA - ECO DOPPLER (Coroidea e Vertebral)
MAMOGRAFIA Digital - DENSIOMETRIA ÓSSEA

MARCAÇÕES DE EXAMES
CHAMADAS GRÁTIS (REDE FIXA)

800 201 606

TLM. 918 804 004

RUA 26 N.º 787 - ESPINHO

Desviada por conveniência



legre

A rua 62 foi das primeiras a ser calcetada a paralelepípedo

Legião”, revela Mário, “nunca respondia às cartas que me enviavam”. Essa é das poucas casas que já existiam quando o casal se mudou para a Rua do Passeio Alegre. “Era essa e outra ao lado, que era uma padaria e onde ainda existe um forno, mas está tudo a cair”, diz Rosa Valente.

A casa dos Valente foi construída em 1910. A porta da mercearia que possuíam (agora transformada em Sala de Estudo pela nora do casal) apresentava o número 491. “Metros da praia”, apressa-se Mário a explicar. E continua: “mas mais tarde veio o Largo da Graciosa e começaram a contar daí. Ficou o 267”.

A Rua 62 é, possivelmente, das ruas em Espinho que mais fiel se manteve. Mais não seja pela conservação de muitas das casas mais antigas. A elas se têm juntado construções de modernidade. Sejam prédios, seja na variedade de oferta no comércio. Apesar de tudo, continuará a ser sempre “a rua torta de Espinho”. E é isso que a torna única.

Se Espinho se caracteriza pelo traçado das ruas, onde o mar serve de orientador geométrico, o facilitismo deixa-nos dizer que são todas paralelas e perpendiculares a este ponto de referência. Falácias. A verdade é que a Rua 62 foge a todas as descrições da cidade. É torta, como dizem. Tem início no Largo da Graciosa e encontra o término depois da Avenida 24. O número par que a caracteriza é só uma coincidência, como já se viu. Seria difícil optar

por considerá-la par ou ímpar. Explicação para a curva da Rua 62 haverá muitas e Mário Valente deu-nos uma: “fazer o jeitinho ao conselheiro”, que tinha uma quinta ao funda da rua. “Era suposto ser direita como todas as outras mas como havia ali o senhor fulano tal, que era conselheiro da câmara, quiseram respeitá-lo e a rua foi feita desta forma”, aviança Mário Valente que não tem dúvidas de que, “se fosse hoje não respeitavam ninguém”.

NOVAS AGÊNCIAS
CADA VEZ MAIS PERTO

AGÊNCIA ESPINHO
Rua 20, n.º 782
Tlf. 227 311 200

COMPRAMOS OURO A DINHEIRO
TAMBÉM COMPRAMOS PRATAS, JOIAS, RELÓGIOS, CAUTELAS DE PELO E OUTROS VALORES

Valores

Nos reciclamos!

1º Franchising

www.valores.pt

800 256 737

CLÍNICA RADIOLOGIA
Dr. NELSON DE OLIVEIRA

RADIOLOGIA Digital - RADIOLOGIA DENTÁRIA Digital

ECOGRAFIA - ECO DOPPLER (Carotídea e Vertebral)

MAMOGRAFIA Digital - DENSIOMETRIA ÓSSEA

MARCAÇÕES DE EXAMES
CHAMADAS GRÁTIS (REDE FIXA)

800 201 606

TLM. 918 804 004

RUA 26 Nº 787 - ESPINHO

Amigos da casa fazem a festa



As portas (novas) do Auditório da Nascente abriram-se na noite do passado sábado para receber as muitas dezenas de pessoas que quiseram partilhar um momento de inaugurações com o Teatro Popular de Espinho (TPE). Com novas cores nas paredes, casas de banho remodeladas e um soalho por estrear, o grupo proporcionou uma agradável noite de convívio entre amigos. As obras ganharam força após um leilão que o grupo promoveu com o objectivo de angariar verbas, e o resultado foi uma contribuição inesperada. Os frutos foram partilhados este sábado.

Houve música durante todo o tempo, no piano de Francisco Seabra e na voz

de Rui Fidalgo a aquecer os intervalos e as conversas. Dançou-se ballet pela Escola de Bailado Giselle, com coreografia de Eva Ramirez num momento de contemplação de movimentos. E, claro, não faltou o teatro a dar alma à noite. O TPE apresentou os amigos com pequenos quadros, retirados do livro "Além as estrelas são a nossa casa", de Abel Neves e confirmou, se preciso fosse, o talento de mais de 30 anos de actividade. Momentos de boa disposição entreteceram-se com outros mais tensos em palco, e o que fica é o presente do grupo com o que melhor tem.

Pelo meio, houve tempo para comer e beber, como

em qualquer festa de convívio entre amigos. Uma noite onde público e actores se misturaram entre actuações e partilhas de opiniões descontraídas sobre o remodelado espaço do auditório.

No final, o grupo - através de uma personagem que já se tornou conhecida do público - partilhou experiências vividas ao longo dos vários meses de trabalho na sala. Houve elogios e auto-críticas, não faltaram considerações sobre o que se quis fazer e o resultado final, mas o que não se fez tardar foram as gargalhadas de todos. As obras ainda não terminaram na totalidade e, por isso, haverá mais motivos para juntar os amigos e festejar com teatro e conversas.

Tucatulá

Diversidades em espectáculo

O segundo fim de semana do Tucatulá arranca logo na sexta-feira. Na Junta de Freguesia de Espinho, The Weatherman e Little Friend são os sons que chegam através do EP. O espectáculo ao vivo que nasceu de um programa radiofónico em Espinho traz, pelo quarto ano consecutivo, as promessas, mas as certezas também, da música nacional. Alexandre Monteiro, 'The Weatherman', considerado pela crítica como a revelação da música pop portuguesa quando se estreou em 2006, assume as influências dos Beatles e Beach Boys. Já um som cru e sem artifício, é o que traz Little Friend. O projecto nasceu em 2007 no Porto e aposta nas letras e vocais como meio de transmitir uma música melancólica, que apela à emoção. Dia 6, sexta-feira, às 21h30, no auditório da Junta

de Espinho.

Também na Junta de Freguesia, e igualmente às 21h30, a noite de sábado faz-se de dança. A Escola de Bailado Adriana Domingues partiu da reflexão "Quem somos?" e "Para onde vamos?" e criou o espectáculo "Fusão de Vivências". A coreografia teve como ponto de partida um projecto para a comemoração do Ano Europeu do Diálogo Intercultural e vem ao Tucatulá mostrar como a dança e a linguagem do corpo são uma ponte para a multiplicidade de formas de ser e estar. No domingo, é inaugurada a exposição "10 anos de Tucatulá", onde as dezenas de agentes culturais que fizeram o festival ano após ano se juntam nas paredes da Galeria do Centro Multimeios. A inauguração está marcada para as 18 horas e conta com o contributo musical de Francisco Seabra no piano e Sofia Guedes na flauta e voz. São as três propostas diferentes do festival para o fim de semana que se avizinha.

Maré de Cinema



Revolutionary Road

O casal de Titanic e o realizador de Beleza Americana. Tinha tudo para uma receita de sucesso, mas Revolutionary Road acabou desprezado pelo público e pela crítica, que o recebeu de forma modesta. A meu ver, muito injustamente. A crónica do casal Wheeler em rota de colisão um com o outro, em plena década de 50 do século passado, quando a sociedade sufocava qualquer rasgo individual e qualquer tentativa de evasão de uma rotina imposta por outros (ela como mãe e esposa; ele trabalhando numa profissão que detesta para sustentar a família). Os Wheeler são o reflexo de dois indivíduos que sempre rejeitaram essas convenções, mas, a cada dia que passa, se vêm mais mergulhados na prisão social que os cerca. Kate Winslet e Leonardo DiCaprio estão em estado de graça, revelando toda a maturidade adquirida desde o filme que os lançou para a ribalta e Sam Mendes torna-nos próximo do casal, porém filmando tudo com tal sobriedade que nunca deixa o filme tomar partido nas intensas (e deprimentes) discussões do casal. Uma palavra final para o magnífico Michael Shannon (nomeado ao Oscar) que, em poucas cenas, torna-se na personagem mais enigmática e simpática do filme: ele já esteve na situação dos Wheeler e abraçou a insanidade como forma de atingir a liberdade plena, a tal que os Wheeler tanto almejam e que os faz suspirar por Paris. E se dúvidas houvesse sobre Revolutionary Road ser obrigatório, basta atentar no plano final que encerra o filme de forma perfeita. Algo ao alcance de poucos.

Antero Eduardo Monteiro

Cinemas Espinho

Centro Multimeios

De 5 a 11 de Março
Sessões: 16h e 21h30 (excepto à 2ª Feira)

Valsa com Bashir

Realização: Ari Folman
Género: Animação / Drama / Guerra.
País: Israel / Alemanha / França / EUA.
Ano: 2008.
Duração: 90 min.

Casino Solverde

De 5 a 11 de Março
Sessões: De 2ª Feira a Domingo: 15h30 e 21h30

Revolutionary Road

Realização: Sam Mendes
Elenco: John Behlmann, Kate Winslet, Kathy Bates e Leonardo di Caprio
Género: Drama
País: EUA
Ano: 2007
Duração: 119 minutos

ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES

ADVOGADOS

ESCRITÓRIOS
Rua Júlio Dinis, 778 - 4.º Dt.º
Telef. 226098704 - 226098873
Fax 226003436 - 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343 - Tel. 227342964
4500 ESPINHO

Mare Nostrum

Partilhe com o seu jornal local a sua opinião, o que acha que está certo e errado na cidade de Espinho.

Envie textos e fotos para o e-mail
MARENOSTRUM.MV@GMAIL.COM.





SUAVE E DOCE MELANCOLIA

A irresistível melancolia de Rodrigo Leão invadiu um Auditório de Espinho esgotado, em duas noites consecutivas. A promessa de estreiar alguns dos temas que farão parte do novo álbum - a ser lançado em Junho - cumpriu-se, e o compositor mostrou-se agradavelmente surpreendido com a eficácia desta primeira apresentação pública (ver entrevista).

Na noite de sexta, o Maré Viva teve oportunidade de assistir a uma das datas de Rodrigo Leão no auditório e comprovar todas as qualidades do compositor lisboeta e da sua entourage, os Cinema Ensemble. Ao longo de duas horas os músicos deambularam por entre as novas composições e alguns dos mais célebres temas do universo do criador de "Cinema". O público foi acompanhando o carrossel de emoções e reagiu de forma apaixonada, por entre "bravos" e as salvas de palmas, a músicas como "Lonely Carousel" ou "Alma Mater". Ana Vieira, a vocalista do Ensemble fez um primeiro "até já" mas a plateia exigiu mais.

No primeiro encores Celina da Piedade deixou o acordeão e encarnou Lulla Pena, em "Passion". O público despediu-se dos Cinema Ensemble em apoteose mas deixou-se ficar imóvel nas cadeiras, como que à espera de uma última amostra. Rodrigo Leão fez a vontade ao público espinhense e deixou Ana Vieira entoar "La Fête". No final, pairava um desejo colectivo: o de um rápido regresso de Leão a Espinho.



O que achou do Auditório de Espinho?

Não vinha a Espinho há muitos anos. As últimas recordações que tenho da cidade talvez sejam as de um concerto dos Sétima Legião, há uns 25 anos. Mas gostei muito, o auditório é óptimo e reacção do público foi fantástica. Nós estamos a tocar músicas novas pela primeira vez e nota-se sempre algum nervosismo nestas ocasiões, mas felizmente correu muito bem.

Como sentiu a reacção do público aos novos temas?

O público reagiu bem. Nós fizemos algumas alterações de ontem (dia 26) para hoje (dia 27) e esta tournée serve precisamente para nós irmos melhorando os arranjos destes temas novos. Depois é muito bom tocar nestes espaços pequenos, mais intimistas...

Aprecia essa intimidade com o público?

Sem dúvida. Nunca fui muito de espaços grandes (risos).

O que é podemos esperar do novo

álbum?

Essa ainda é uma pergunta muito difícil, porque, apesar de termos bastantes temas novos, alguns ainda estão em fase de composição, outros estamos a tocar mas que não entram no disco...portanto é difícil falar nisso atendendo a que o disco sairá apenas em Junho. Teremos, no mês de Março e Abril, 15 ou 16 concertos para limar algumas arestas e depois então iremos para estúdio. Agora estou muito entusiasmado com esta oportunidade de tocar novos temas, antes de os gravar. Isso é muito raro de acontecer.

É muito bom tocar nestes espaços pequenos, mais intimistas...

Cinema foi um álbum consagrado pela crítica e pelo público. Isso eleva-lhe a responsabilidade para este disco?

Ainda que inconscientemente, acho que sim. De disco para disco, independentemente de ele ter êxito ou não, nós somos mais exigentes e há sempre a ambição de fazer melhor.

A sua música vive muito de parcerias com diferentes compositores e intérpretes de outros universos. Como será o novo álbum a esse nível?

Neste momento estamos a contactar dois ou três músicos que não são portugueses para colaborar connosco, mas ainda é cedo para adiantar nomes porque, mesmo aqueles que já foram contactados, podem vir a recusar. Agora essas colaborações são muito importantes para mim, pelo facto de poder trabalhar com músicos que eu admiro e que enriquecem o meu trabalho.

É um privilégio poder estabelecer esses cruzamentos?

Sem dúvida. Aprendemos imenso com pessoas que não conhecemos e que admiramos... como foi o caso da Beth Gibbons, da Rosa Passos e de outras. Pessoas que marcam muito, que nos influenciam e que nos dão um enorme prazer.

Torna-se mais fácil, à medida que o seu trabalho vai sendo reconhecido e admirado, conseguir essas colaborações?

Se calhar é ao contrário. O trabalho nunca tem um ponto de retorno muito definido e há sempre aquela angústia de não termos alcançado aquilo que pretendíamos.



Espinho tem vida difícil na primeira volta

O Lourosa é o primeiro adversário do Espinho na segunda fase do campeonato. Os lusitanistas perderam os dois jogos efectuados com os tigres ao longo do campeonato, mas venceram para a Taça de Portugal.

O sorteio da segunda fase não foi muito favorável ao Espinho. Se atendermos ao facto do Espinho ter três deslocações em cinco partidas da primeira volta e duas delas serem precisamente no terreno do União da Madeira e do Penafiel, segundo e primeiro classificados respectivamente, podemos concluir que os tigres não terão a vida nada facilitada. A equipa orientada de Pedro Barny tem

por outro lado, a possibilidade de se aproximar dos primeiros lugares caso consiga resultados positivos com os seus adversários directos, algo que ao longo da fase regular nunca foi conseguido - duas derrotas com o União; empate em casa e derrota fora com o Penafiel. Na primeira jornada desta segunda fase, o Espinho recebe a visita do Lourosa, uma equipa que perdeu os dois jogos efectuados com os tigres para o campeonato, mas que, no entanto, eliminou os espinhenses para a Taça de Portugal, no Comendador - vitória por 1-2.

CALENDÁRIO 2ª FASE

1ª Jornada (8 Março)

S. C. Espinho - Lourosa
Esmoriz - Aliados
Penafiel - União

2ª Jornada (15 Março)

União - S. C. Espinho
Lourosa - Esmoriz
Aliados - Penafiel

3ª Jornada (22 Março)

Penafiel - Espinho
Aliados - Lourosa
Esmoriz - União

4ª Jornada (29 Março)

S.C. Espinho - Esmoriz
União - Aliados
Penafiel - Lourosa

5ª Jornada (5 Abril)

Aliados - S.C. Espinho
Lourosa - União
Esmoriz - Penafiel

Futebol Popular

Leões na liderança com ajuda do Cantinho

Aí estão de volta os Leões Bairristas ao primeiro lugar da classificação. A formação de Rui Moreira teve uma semana em grande, com vitória diante a Quinta de Paramos no jogo em atraso e goleada em Guetim no domingo. A cereja no topo do bolo para o emblema do Bairro Piscatório foi a derrota da Juventude de Outeiros diante o arqui-rival leonino, o Cantinho, permitindo assim a ascensão à liderança.

No segundo escalão, a Aldeia Nova apesar do empate com o Bairro manteve a liderança, no entanto a equipa de Anta tem agora a somente um ponto de distância, a Corredoura de Paramos que ultrapassou o Cruzeiro, seu adversário directo.

Na "terceira" o Regresso, mesmo sem jogar, permanece na frente.



Fotografia: Nuno Oliveira

FUTEBOL POPULAR

I Divisão

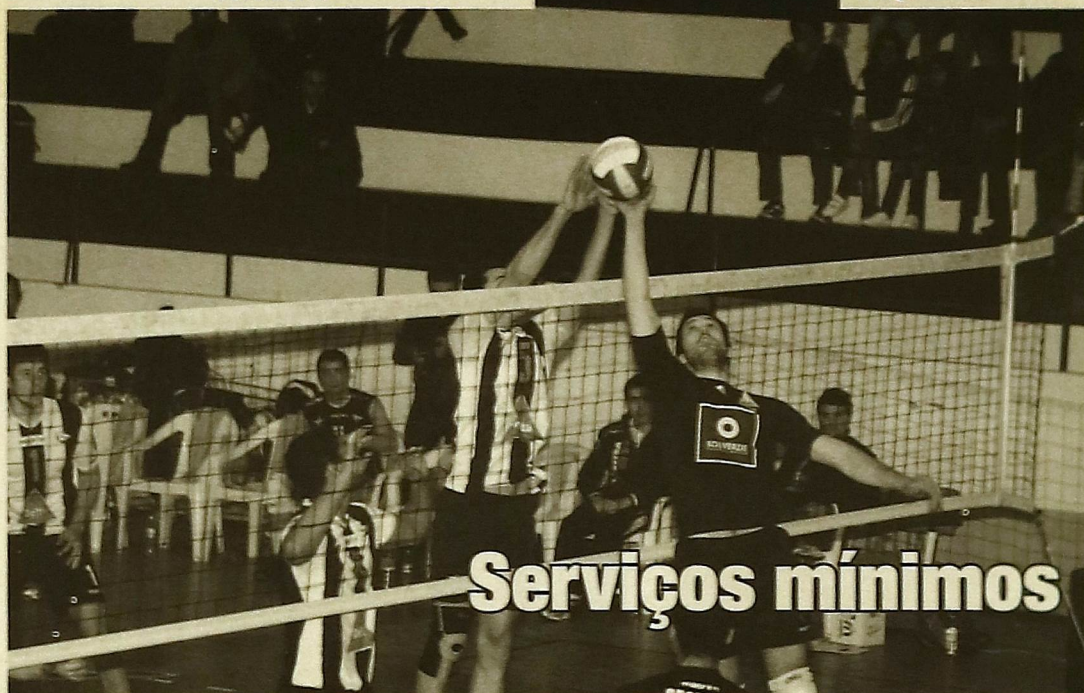
Cantinho 2 - Juventude 0
Águias Paramos 0 - Quinta 0
Estrelas Vermelhas 0 - Rio Largo 1
Associação 1 - Magos 1
Guetim 0 - Leões 4

II Divisão

Cruzeiro 0 - Corredoura 1
Império 4 - Águias Anta 1
Novasemente, 1 - Morgados, 0
Bairro P. A. 0 - Aldeia Nova 0
Lomba, 3 - G. D. Outeiros, 1

III Divisão

Corga, 2 - Estrelas Divisão, 2
Estrelas P. A. 0 - Ronda, 2
Juv. Estrada, 2 - Idanha, 0
Folgou o Regresso



Serviços mínimos

1/4 Final Play-Off - 1.º Jogo

SC Espinho	3
Ac. Espinho	0

O primeiro jogo dos quartos de final do play-off do campeonato nacional de voleibol entre o primeiro e o oitavo classificados foi o que se esperava. Uma vitória por 3 sets a 0 para o Sp. Espinho com os parciais explícitos de 25-23, 25-19 e 25-14. Os tigres

não tiveram que dar o máximo, mas a Académica também não foi um adversário de argumentos. Emoção, só a que caracteriza este derbi, apesar de a Académica ter sido mesmo a única equipa a infligir uma derrota aos campeões nacionais durante a fase regular. Disputado à melhor de três jogos, o play-off continua no próximo sábado, no Arquitecto Jerónimo Reis.

Hóquei em Patins 2ª Divisão



Académica já é segunda

Ac. Feira	1
Ac. Espinho	4

O Hóquei em Patins da Académica de Espinho alcançou uma vitória importante este fim de semana frente à Académica da Feira. E por um resultado expressivo, convincente para a eterna candidata à subida de divisão. Após uma vital defesa de Tiago Santos, que poderia ter sido o empate para o Feira, a Ac. Espinho

chegou ao intervalo em vantagem (0-2) e foi no final que carimbou a certeza da vitória com 1-3 e 1-4. Depois do desaire frente ao Riba D'Ave, os mochos conseguiram subir ao segundo lugar da tabela, igualando os pontos (37) do Tomar, Turquel e Famalicense. Os academistas estão agora a cinco pontos do líder Riba D'Ave e a próxima jornada é contra a Juventude Paçense.

FUTEBOL JUVENIL

PLACARD

Campeonato Distrital 1º Div. Juvenis (série primeiros)

S. C. Espinho	2
Beira-Mar	0

Campeonato Distrital 1º Div. Iniciados (série Primeiros)

Beira-Mar	0
S. C. Espinho	2

Campeonato 2º Div. Iniciados (serie primeiros)

Mealhada	3
CDVS/Sp. Silvalde	2

Campeonato Distrital Infantis A (serie dos últimos)

S. C. Espinho	3
Relâmpago	3

Campeonato Distrital Infantis B (série dos últimos)

S. C. Espinho	1
Fiães	2

I Torneio Pré-escolas AFA (2001)

Paços Brandão	2
ADVA/Baixinhos	3

Campeonato Distrital de Escolas A (série dos últimos)

Sanguedo	1
ADVA/Baixinhos	0

Campeonato Distrital de Escolas B (Série Primeiros)

Taboeira	3
ADVA/Baixinhos	5

Torneio Benjamins CD Furadouro

CDVS/Silvalde	5
Válega	0

FUTSAL

Distrital 1º Divisão

Novasemente	6
Arca	3

Casa FCP Lourosa	4
Sp. Silvalde	4

Distrital feminino

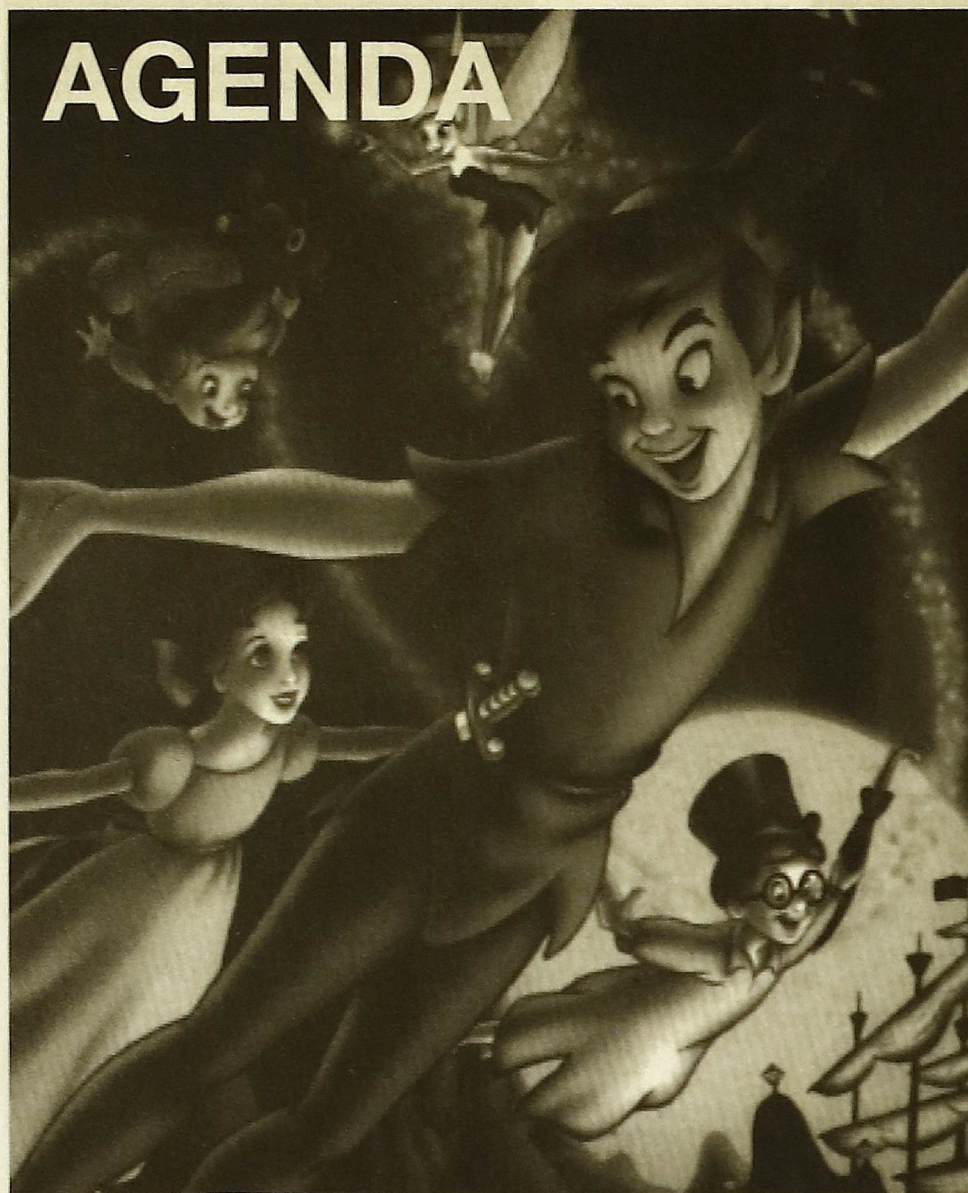
Novasemente	7
Santo André	1

Fonseca
 TECIDOS
 MODAS
 RUA 19 N.º 275
 TEL. 227340413
 ESPINHO

concha do mar
 RESTAURANTE
 SNACK-BAR
 MARISQUEIRA
 CAFÉ
 Condição Augusto Neves
 MARISCO VIVO EM AQUÁRIO PRÓPRIO
 BIFE NA PEDRA - Uma delícia a não perder!
 AV 24 N.º 827 - 4500-201 ESPINHO - TEL. 227341630 - FAX 227320766

**RUI
 ABRANTES
 ADVOGADO**
 Rua 18 N.º 582 - 1.º Esq.º
 Sala 3 - Telef. 227343811
 ESPINHO

AGENDA



6 e 7 Mar
St. Maria da Feira

Fame – O musical

21h30

Um dos maiores sucessos mundiais no panorama dos musicais está de volta. A história de um grupo de alunos que luta por um lugar no mundo artístico, contada sob o ritmo frenético dos anos 80, propõe duas noites de grande espectáculo. A concepção é de David de Silva e a orientação musical de Nuno Feist. Bilhetes a 10 e 20 euros, no Europarque.

6 e 7 Mar
Estarreja

A Verdadeira Treta

22h00

A digressão que leva as verdadeiras conversas da treta pelo país estaciona este fim de semana no Cine-Teatro de Estarreja. António Feio e José Pedro Gomes fazem o que melhor sabem: suscitam gargalhadas através daquele que pretende ser o retrato do "Chico-Espertus Lusitanus". O espectáculo está inserido no festival de humor Só(r)rir 2009 e o preço dos bilhetes variam entre os 10 e os 15 euros.

7 Mar
St. Maria da Feira

Peter Pan

16h00

O clássico para todas as idades, as aventuras do menino que voava, a viagem até à Terra do Nunca. Peter Pan, a personagem de James Matthew Barrie, vai estar no Europarque numa única sessão de teatro. Estes e outros pôs mágicos, com bilhetes a 10 e 20 euros. As crianças até aos 12 anos têm 50% de desconto.

Farmácias

Terça-feira, 3 de Março
Grande Farmácia
Rua 8, Tel.: 227 340 092

Quarta-feira, 4 de Março
Farmácia Conceição
Rua S. Tiago, Tel.: 227 340 320

Quinta-feira, 5 de Março
Farmácia Guedes de Almeida
Rua 36, Tel.: 227 322 031

Sexta-feira, 6 de Março
Farmácia Santos
Rua 19, Telf.: 227 340 331

Sábado, 7 de Março
Farmácia Paiva
Rua 19, Tel.: 227 340 250

Domingo, 8 de Março
Farmácia Higiene
Rua 19, Tel.: 227 340 320

Segunda-feira, 9 de Março
Grande Farmácia
Rua 8, Tel.: 227 340 092

Terça-feira, 10 de Março
Farmácia Conceição
Rua S. Tiago, Tel.: 227 311 482

Meteorologia

Terça-feira, 3 de Março
Temperatura máxima - 16°
Temperatura mínima - 7°



Quarta-feira, 4 de Março
Temperatura máxima - 11°
Temperatura mínima - 7°



Quinta-feira, 5 de Março
Temperatura máxima - 11°
Temperatura mínima - 7°



Sexta-feira, 6 de Março
Temperatura máxima - 13°
Temperatura mínima - 7°



Sábado, 7 de Março
Temperatura máxima - 16°
Temperatura mínima - 8°



Domingo, 8 de Março
Temperatura máxima - 17°
Temperatura mínima - 8°



Segunda-feira, 9 de Março
Temperatura máxima - 17°
Temperatura mínima - 8°



Previsões sujeita a alterações meteorológicas

Espinho "entre aspas"

JORNAL DE NOTÍCIAS

"Manuel Oliveira, que se apresentou como fiel depositário (da Jotex), disse que a empresa tem diversas dívidas, sendo o maior credor o próprio Joaquim Tavares (patrão), a quem a empresa deve cerca de três milhões de euros, e que cerca de 90% das máquinas estão penhoradas pela Segurança Social"

Descrição da situação da fábrica de malhas Jotex, que suspendeu a laboração e cujos empregados conseguiram, no passado sábado, impedir a retirada de 21 máquinas.

TSF

"O Sindicato dos Têxteis de Aveiro prometeu vigilância apertada à Jotex, uma fábrica de malhas em Espinho que vai estar parada durante 15 dias. A empresa garante que não deve salários às trabalhadoras e justificou a retirada das máquinas daquela unidade com uma reestruturação em curso."

Sobre a ameaça de fecho da Jotex e os protestos dos trabalhadores.

DEFESA DE ESPINHO

"O espaço ainda não foi requalificado por uma razão muito simples: porque ainda não era possível... às vezes ouvia as pessoas dizerem que não se tinha o projecto já pronto... não era possível."

José Mota, presidente da Câmara Municipal, sobre a demora do início das obras de requalificação urbana da área libertada pelo enterramento da linha férrea, que parece que vão agora começar.

APAGÃO

Este fim-de-semana a trupe da esquerda democrática (termo curioso) assentou arraiais em Espinho, na Nave Desportiva, um dos marcos de obra feita no concelho. A razão foi o Congresso do Partido Socialista, evento que lançou a recandidatura de José Sócrates a mais um mandato à frente dos destinos do país. Imensos políticos, imensa comunicação social nacional, imensa gente. O habitual, dir-se-á, nestas andanças. Tudo corria às mil maravilhas, até à noite do segundo dia do congresso, sábado. Estava um delegado a discursar quando, de repente, tudo escurece. Falha elétrica. Sessão de trabalho adiada para domingo. Claro que são coisas que acontecem, mas é pena que, num momento em que as câmaras das televisões estavam todas apontadas para a nossa cidade, um equipamento tão emblemático falhe. Falta de planeamento? Possivelmente. A força da mudança começa meio perra. Se era para copiar o exemplo americano do candidato Obama, ao menos fazia-se as coisas bem...

Escolas, mais uma vez

Por outro lado, destaco a importância dada às infra-estruturas escolares do concelho. No espaço de duas semanas, três escolas espinhenses são alvo de destaque: depois da Gomes de Almeida, é tempo da Escola Espinho 2 e da Escola da Seara, em Silvade, serem motivo de notícia. Tudo pela inauguração das primeiras oito salas inteiramente digitais do país. Um avanço prometido no já longínquo Choque Tecnológico. Um motivo de regozijo para o concelho, sem dúvida.

Maré na nossa rua

Mais uma edição do MV, mais uma rubrica em estreia. Maré na nossa rua pretende saber a história por detrás de cada rua do nosso concelho, as pessoas que vivem nelas, os problemas que existem em cada uma. Basicamente, esta rubrica tenta avivar o "Local" que há num jornal local como o Maré Viva. Fique atento, a próxima rua pode ser a sua. Colabore connosco.

FICHA TÉCNICA

Director Nuno Neves
 Redacção Cláudia Brandão e Nelson Soares
 Fotografia Mário Cales
 Colaboração Armando Bouçon, Antero Eduardo Monteiro e Sónia Roque
 Paginação Nuno Neves e Melissa Canhoto
 Publicidade Eduardo Dias, João Duarte e Jessica de Sá
 Redacção e Composição Rua 62 n.º 251- 4500-366 Espinho
 Telefone 227331355 Fax 227331356
 E-mail agenda.mareviva@gmail.com
 Secretária e Administração Rua 62 n.º 251- 4500-366 Espinho
 Telefone 227331357 Fax 227331358
 Propriedade e Execução Gráfica Nascente - Cooperativa de Acção Cultural, CRL - Rua 62 n.º 251- 4500-366 Espinho
 Telefone 227331355 - Fax 227331356
 Tiragem 1500 exemplares
 Número de Registo do Título 104499, de 28/06/76
 Depósito Legal 2048/83

A Mulher, a Vida e a Solidariedade



Filomena Maia Gomes
Advogada

*"Apesar das ruínas e da morte,
 Onde sempre acabou cada ilusão,
 A força dos meus sonhos é tão forte,
 Que de tudo renasce a exaltação
 E nunca as minhas mãos ficam vazias."*
Sophia de Mello Breyner Andresen (poesia)
Nasceu no Porto a 6/11/1919 e morreu em Lisboa a 2/7/2004

Os meus Pais viveram em Espinho e aqui ainda se encontram. Criaram os seus filhos e cada um destes, a seu jeito, trilhada que foi a maior parte do seu caminho, foi voltando para cá. Os nossos pais, tão diferentes, eram pessoas verdadeiramente especiais.

Quem não conhece o Zé Gomes! Companheiro inseparável de uma pasta, um boné e o sorriso mais afável. Mas única era aquela doçura autêntica com que nos embalou, criou e até, em cada noite, entoou a voz para nos ninar... Podem crer! Mas, como ele dizia, "um pouco herege, um verdadeiro Mata-teu". E seguia sendo do Belenenses...

A Dona Ester, como chamávamos à Mãe, era católica de Missa diária, e, como dizia o Zé Gomes, um pouco beata até...

Ambos com princípios convictos fortemente arreigados na sua personalidade e, porque não, nas suas Almas, que ousou sintetizar num espírito de verdadeira solidariedade.

Foi num ambiente de ideais que os Maia Gomes cresceram.

O Zé Gomes, nos vários pactos que ce-

Volvidos 59 anos sobre o meu nascimento numa casa da única rua torta da nossa cidade, esta questão da igualdade de género continua a ser tema.

lebrou com a nossa Mãe, convenceu-a que os filhos que tivessem seriam educados em igualdade e, para começar, quando nascesse uma menina não lhe seriam furadas as orelhas... E assim foi!

Volvidos 59 anos sobre o meu nascimento numa casa da única rua torta da nossa cidade, esta questão da igualdade de género continua a ser tema.

Está longe de ser uma questão resolvida apesar de todos os passos firmes que a

mulher tem sulcado no seu palmilhar determinado do último século.

A VIOLÊNCIA não é um pormenor nem é um problema novo mas mais uma vez a sua erradicação tem de ser obra de todos com uma participação predominante da própria MULHER.

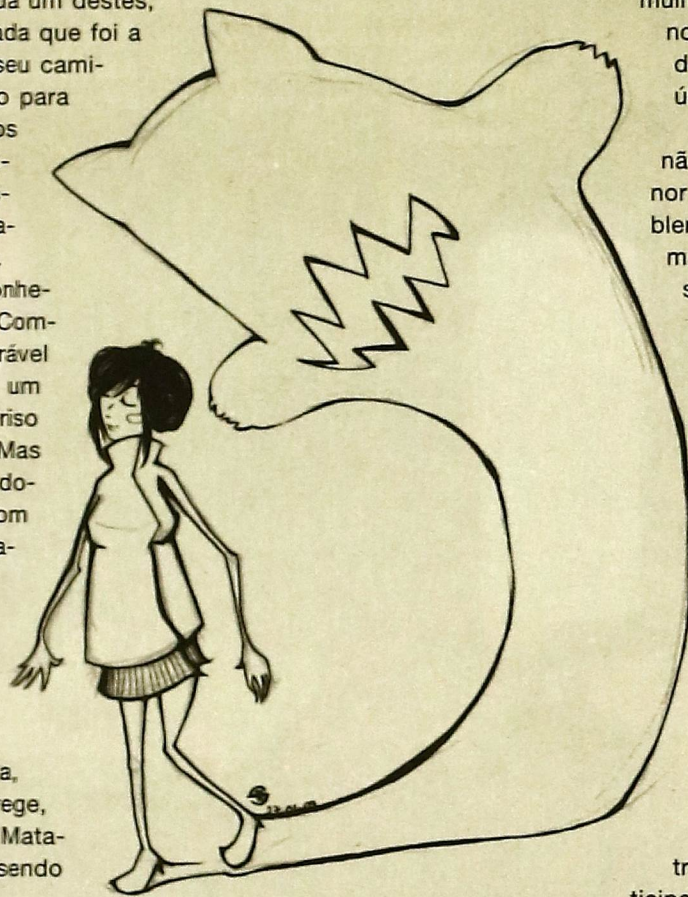
A Solidariedade, t a m b é m nesta matéria, não é uma palavra vã.

Só a entreajuda e participação activa de

cada cidadão na resolução dos seus próprios problemas, sem esquecer o outro, o próximo, o vizinho, o colega de trabalho, o amigo e até, porque não o desconhecido e o inimigo, há-de ser o principio da solução para esta e todas as questões sociais.

*"Trabalha como se tudo dependesse de ti;
 reza como se tudo dependesse de Deus"*

Santo Agostinho



TUDO A NU

O Tucatulá já começou a agitar a cidade. E a primeira actuação deve ter tido esse mesmo propósito: agitar mentes e quebrar preconceitos. 'Jo and Jo' juntou quatro em palco. Mas podiam ter sido mais, num outro espaço. Foi no Centro Multimeios que o público encontrou dois candeeiros, sacos plásticos, roupas e outros objectos a servirem de figurantes, num espectáculo onde os corpos ganharam dinâmicas inexploradas.

O projecto de experimentação viu o conceito nascer da cabeça de João Costa, mas depressa se construiu através dos corpos dos outros intérpretes: Catarina Carvalho, António Cabrita e Mariana Tengner Barros. São eles próprios que questionam o impacto da genética e do processo de socialização na percepção que temos da nossa identidade, e do outro.

'Jo and Jo' agarrou a atenção das pessoas, expectantes em relação a conteúdos e resultados finais. Quis mostrar como os corpos sofrem metamorfoses aquando da interacção entre si e com o seu habitat. Os outros e o espaço que condicionam a nossa evolução em constante adaptação e dando papel principal ao instinto de sobrevivência.

Um despudor que se exigia e fez surgir os corpos nus. Foi um espectáculo envolvente que manteve os olhos do público presos nos movimentos em palco e que trouxe João Costa como já habituou a cultura em Espinho: irreverente.

